

## A CONTRIBUIÇÃO DA LINGÜÍSTICA PARA O PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO

### ANAIS DO I SEMINÁRIO DA REGIÃO SUL

*Para alfabetizadores e professores do 2º grau – magistério.*

Textos de especialistas:

- Alfabetização – a quem compete – Maria Tasca / PUCRS
- A linguagem da criança após os cinco anos – Feryal Yavas / PUCRS
- Por uma lingüística aplicada – Sebastião J. Votre / UFRJ
- A aquisição do código escrito – Euzi R. Moaris / UFES

Para receber os ANAIS queira enviar cheque bancário em nome do Centro de Estudos de Língua Portuguesa de NCz\$ 1,00 (hum cruzado novo) por exemplar.

## SURPRESAS FÔNICAS NO AÇORIANO (PORTUGAL) E NO AÇORIANO-CATARINENSE (BRASIL)\*

Oswaldo A. Furlan  
UFSC

Em 1748/1756, 6.071 açorianos acrescentaram-se, no litoral de Santa Catarina, aos 4.197 catarinenses, que descendiam dos desbravadores de São Vicente (SP), provocando aumento demográfico imediato de 144,6%. Uma lista de inscritos para a migração, contendo dados aproximados aos de outra, dá o total de 7.817, procedentes das seguintes Ilhas: São Miguel 328 (4,2%), Terceira 912 (11,6%), Graciosa 772 (9,8%), São Jorge 2.822 (36%), Pico 1776 (22,7%), Faial 1.207 (15,4%); da Madeira vieram 579.

Um dos traços mais característicos do micalense de hoje, que é um dos falares mais diferenciados do padrão europeu continental, consiste numa rotação geral do sistema vocálico, que se processou no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio e que não tem paralelo na língua portuguesa. Típico do terceirense é a palatalização ou velarização da consoante seguida da vogal tônica e precedida, respectivamente, de elemento palatal ou velar, originando um ditongo crescente, cujo núcleo é constituído dessa vogal. Entre os traços mais característicos dos açoriano-catarinense acham-se: a) a absorção do iode pelo subsequente /S/ palatalizado em final de palavra; b) a africacção e/ou palatalização de /t/ precedido de iode e seguido de vogal átona recuada. Proponho-me descrever esses traços, interpretá-los e determinar se os catarinenses resultam de filiação aos açorianos ou não.

\* Comunicação proferida em "The first International Conference on Experimental Phonostylistics & Sociophonology and Speech acoustic Variability", Florianópolis (SC), 6/9 de abril de 1988.

## 1 – TRAÇOS AÇORIANOS

### 1.1 – Terceirense: palatalização ou velarização de consoante seguida de vogal tônica

Embora, para contextos ainda mal definidos, tenha sido registrado também na Graciosa, Em São Jorge e no Pico, constitui traço geo-sócio-lingüístico geral do terceirense o fenômeno que consiste na palatalização ou na velarização da consoante que vem precedida, na sílaba anterior (quer intravocabular, quer intervocabular), de som palatal ou velar respectivamente e que vem seguida de vogal tônica. A palatalização ou velarização é tão intensa, que Rogers (1950:194) viu nesse fenômeno não uma palatalização ou velarização, mas a formação de um ditongo crescente, devido à natureza duma consoante adjacente.

O elemento que se desenvolve entre a consoante e a vogal tônica é [j] sempre que à consoante precede elemento [– consonântico, + alto, – recuado], a saber [i, j, ĩ, ĵ]; é [w], sempre que precede elemento [– consonântico, + alto, + recuado], a saber [u, w, ũ, w̃]. Disso resulta que uma mesma palavra pode assumir três formas; ex.: a casa [ã'kazã], em casa [ĩ'm'kjazã], por casa [pur'kwazã]. Da velarização é expressivo o shiboleth: "Pud(u)emos com(u)er qu(u)eijo no cam(u)inho de São P(u)edro", que suponho soar assim: [pu'dwemušku'mwer'kwãjžunukã'mwiñudẽsãw'pweɾu].<sup>1</sup>

A formulação técnica da regra e sua exemplificação, faço-as a partir do corpus de Dias (1982:268-82), a qual conseguiu exatidão maior do que Maia (1965) e muito maior do que Rogers (1950), quer na interpretação do fenômeno, quer na transcrição fonética do corpus.

1 – Símbolos fônicos utilizados:

ũ vogal alta anterior arredondada; y no A.F.I.;

õ vogal média-alta anterior arredondada, como em *peu* (fr.);

œ vogal média-baixa anterior arredondada, como em *peur* (fr.);

sch vogal central neutra (schwa);

ã vogal média-baixa posterior distensa, como em *para* (Portugal).

$$\phi \rightarrow \left[ \begin{array}{l} - \text{sil.} \\ - \text{cons.} \\ + \text{alt.} \\ \alpha \text{ rec.} \end{array} \right] / \left[ \begin{array}{l} - \text{cons.} \\ + \text{alt.} \\ \alpha \text{ rec.} \end{array} \right] C_0 (\#) C_0 \left[ \begin{array}{l} V \\ + \text{ac.} \end{array} \right]$$

Exemplos em que  $\alpha$  é – : *leitão* [lãj'tjãw], *bem bom* [bãj'bjõ], *mais grande* [majž'grjẽ'dẽ]. Exemplos em que  $\alpha$  é + : *usado* [u'zwadu], *o gato* [u'gwatu], *um grilo* [ũ'n'grwily].

Outros exemplos de palatalização da consoante precedida de [i, j, ĩ, ĵ] e seguida de vogal tônica /e, e, a, o, o, u/:

/e/ esquerda [iš'kjerðã] 273	/o/ imóvel [i'mjovẽle] 279
tem pelos [tãj'pjeluš] 274	gaivota [gãj'vjotã] 279
/e/ esfera [iš'fjerã] 273	/o/ vim morto [vi'mjortu] 280
mais netos [maj'njetuš] 274	vem gordo [vãj'gordu] 281
/a/ invade [ĩ'vjadẽ] 270	/u/ tribuna [tri'bjunã] 278
fazem casas [fazãj'kjazãš] 271	beicudo [bãj'sjudu] 278

Exemplos de velarização da consoante precedida de [u, ũ, w̃] e seguida de /i, e; e, a, o, o/:

/i/ contigo [kũ'n'twigu] 277	/a/ usado [u'zwadu] 271
não ficas [nãw'fwikãš] 278	apontado [apũ'n'twadu] 272
/e/ Soberba – [su'bwerbã] 265	/o/ conforma [kũ'fwormẽ] 281
trombeta [trũ'm'bwetã] 275	são fortes [sãw'fwortẽš] 282
/e/ Eusébio [ew'zwebju] 275	/o/ o gosto [u'gwoštẽ] 281
são terras [sãw'tweraš] 276	um tolo [ũ'n'twoly] 282

### 1.2 – Micaelense: rotação à esquerda na pronúncia do sistema vocálico

O fato de o micaelense ser de difícil compreensão aos próprios continentais resulta sobretudo de três características fônicas, dentre as quais a última é a que vem ao caso:



a) especial ênfase da tônica em prejuízo das vogais átonas;  
 b) monotongação geral dos ditongos, sobretudo dos decrescentes; ex.: mais [ 'maš ], pau [ 'pa ], aumentar [ ämē<sup>n</sup>'ta ], falei [ fã<sup>n</sup>'le ], outeiro [ ö'teru ]; céu [ 'se ], eu [ e ], Deus [ 'deš ], noite [ 'nó'tš ], boi [ 'bö ], partiu [ par'ti ]; fui [ 'fü ], mãe [ 'mã ]; feijões [ fe'žöš ]; muito [ 'mü<sup>n</sup>tu ]; quantia [ kō<sup>n</sup>'tiä ] (ver Medeiros, 1964: 12; Pavão, 1982:66-7);

c) rotação na pronúncia de todo o sistema vocálico, em sentido oposto ao dos ponteiros do relógio, produzindo um quadro, no qual se verificam: cinco manifestações de arredondamento vocálico; levantamento das vogais posteriores arredondadas; abaixamento das vogais anteriores distensas:

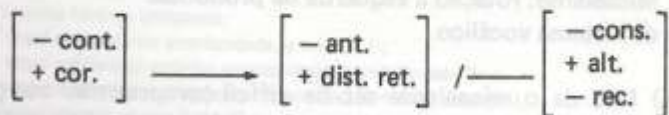
i	ü	ö	u
e	ö	ä	o
ɛ	æ	a	ɔ

Assim, terra soa como tarra, cabra como cobra, embora como emboura, torto como turto, tudo como t[ü]do (cf. Pavão, 1982: 65-6).

## 2 – TRAÇOS AÇORIANO-CATARINENSES

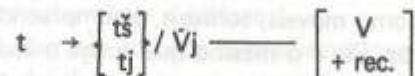
### 2.1 – Africação/palatalização de /t/ precedido de iode e seguido de vogal átona recuada

No falar do Rio de Janeiro, bem como da maior parte de Minas, do Paraná, do interior de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, são africados /t, d/ seguidos de [i], quer este reproduza i, quer e postônico, ou seja:



Ex.: tio [ 'tšiu ], dia [ 'džič ], bate [ 'batšī ], pede [ 'pedžī ].

No açoriano-catarinense, /t, d/ desse contexto não são africados, mas se pronunciam como oclusivas dento-alveolares: [ 'tiu ], [ 'diä ]... Africa-se e/ou palataliza-se, sim, o /t/, não o /d/, que ocorre entre iode e vogal átona recuada, ou seja:



Ex.: geita [ 'gajtšä ] ou [ 'gajtjä ], oito [ 'ojtšu ] ou [ 'ojtju ], muito [ 'mujtšu ] ou [ 'mujtju ].

O fenômeno manifesta-se, às vezes, num mesmo falante e representa duas fases de um mesmo processo de assimilação parcial, a saber:

a) palato-alveolarização do /t/, do que resulta uma africação de distensão palatal pouco tensa; ex.: oito [ 'ojtšu ];

b) palatalização do /t/; ex.: [ 'ojtju ].

Embora este fenômeno de palatalização seja de natureza semelhante ao da palatalização terceirense, não é possível comprovar a filiação daquele a este, quer pela diferença de contexto, quer pelo fato de a assimilação constituir fenômeno natural e, como tal, passível de efetuar-se independentemente de influência alienígena.

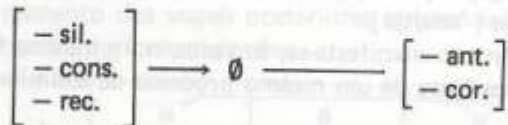
### 2.2 – Absorção de iode pelo subsequente /S/ palatalizado em fim de palavra

O desenvolvimento de iode entre a vogal tônica e /S/ final de oxítonos é fenômeno "geral" nas classes populares brasileiras; nas cultas, porém, "a partir de São Paulo para o Sul, a ditongação não se verifica", sendo São Paulo zona de transição (Elia, 1975:184). Tal fenômeno permitiu rimar, por exemplo, faz/demais, seis/fez, pés/réis, nus/azuis (id., ib., p.182-3), não importando se o /S/ soa álveo-palatal ou ápico-dental. Esta inovação brasileira causa estranheza ao português europeu.

No açoriano-catarinense, esse fenômeno ocorre na fala de pessoas incultas que pronunciam o /S/ como ápico-dental. Mas algumas delas e a quase totalidade dos que álveo-palatalizam o /S/ tra-



vante de sílaba não desenvolvem tal iode; ex.: faz [ 'faʒ ], luz [ 'luʒ ]. Indo além, eles não emitem o [j] que se grafa i ou e em palavras como seis, réis, vais, dois, azuis, jornais, anzóis, corações, ou que resulta de síncope de fonemas como em queres > quéris > quéis > quéś [ 'keʒ ] e eles/élis > eis [ 'eʒ ]. Este fenômeno inclui também os paroxítonos, como móveis, solúveis, e compreende todos os níveis sociolingüísticos. Ele é o mesmo que apaga o iode seguido de fricativa palatal, como em caixa, encaixar, beijo, beijar, pelo que será incluído na mesma regra:



Quanto ao Brasil, o fenômeno foi registrado só para o Mato Grosso; quanto a Portugal, para os falares do Sul, a Terceira e São Miguel. Em todos os casos e falares acima referidos, a absorção do iode pela fricativa palatal explica-se naturalmente: o primeiro elemento palatal [ - sil., - cons. ] é de amplitude geral (overall amplitude) fraca; o segundo [ + cons. ] é de amplitude geral máxima, do que resulta a absorção do primeiro pelo segundo e a conseqüente monotongação. Por outro lado, a exigüidade de sua difusão no português europeu torna quase impossível comprovar sua filiação ao falar açoriano.

Se, para esses dois traços do açoriano-catarinense, por um lado não há indícios seguros de sua filiação ao açoriano e, por outro, se explicam naturalmente, então não há outros traços que, no açoriano-catarinense inexistiriam se não houvesse havido a imigração açoriana? Em virtude do caráter complexo e movediço da matéria, resultante, sobretudo, do fato de não possuímos, do açoriano e do catarinense de 1748, nem gravações magnetofônicas nem descrições, a segurança de qualquer afirmação de influência açoriana em Santa Catarina não poderá revestir-se de caráter categórico. Em meus estudos, de que são amostra o artigo de 1986 e o livro de 1988, descobri indícios um tanto seguros para concluir que: a) a quase totalidade dos elementos lexicais e morfo-sintáticos do açoriano-catarinense dão continuidade ao português europeu continental dos séculos 17 e 18; b) de poucos elementos há indícios

seguros de sua filiação ao açoriano de 1748; c) alguns traços fônicos explicam-se satisfatoriamente como sendo originários de Santa Catarina, após a imigração açoriana; d) de alguns traços ainda não é possível concluir se resultam de influência açoriana ou de desenvolvimento autóctone ou de influência de outros falares do litoral brasileiro, particularmente o carioca.

Há indícios bastante seguros para afirmar que, sem a imigração açoriana, inexistiriam no açoriano-catarinense os seguintes traços que o distinguem, relativamente aos falares circunstantes: a) fortes resíduos de apoio paragógico de [e] ou [i] a oxítonos terminados em /w, r, s/, grafados -l, -r, -s, -z, como em sol, mar, mas, diz; b) o uso geral, em todos os níveis sociolingüísticos, da forma de tratamento familiar pela 2ª pessoa do singular; c) o uso dos açorianismos gue(i)xa (= potranca) e chimarrita (= dança de roda de origem açoriano-madeirense), bem como, na hipótese provável de que os açorianos tenham usado, em Santa Catarina, a interjeição de esconjuro abrenúntio, -a, bernunça (= bicho-papão antropofágico do folclore "boi-de-mamão"), dela substantivado.

## BIBLIOGRAFIA

- DIAS, Maria A. B. Lopes. *Ilha Terceira*; estudo de linguagem e etnografia. Braga, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1982. 495p./Dissertação de Licenciatura/.
- ELIA, Sílvio. Unidade e diversidade fonética do português do Brasil. In: —. *Ensaio de filologia e lingüística*. 2. ed., Rio de Janeiro, Grifo/MEC, 1975, p.177-224.
- FURLAN, Oswaldo A. O português dos catarinenses de ascendência luso-açoriana comparado com o português europeu. *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador, UFBA, 5:227-53, dez. 1986.
- FURLAN, Oswaldo A. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1988. 241p. Série Didática.
- MAIA, Maria L. Borbe e. *O falar da Ilha Terceira*. Lisboa, Faculdade de Letras, 1965. 178f. /Dissertação de Licenciatura/
- MEDEIROS, Maria de J. Chichorro. *A linguagem micaelense em alguns dos seus aspectos*. Lisboa, Faculdade de Letras, 1964. 373f. /Dissertação de Licenciatura/
- PAVÃO Jr., José Almeida. *Aspectos populares micaelenses*. Vila da Maia, Gráfica Matadouro, 1982. 153p.
- ROGERS, Francis Millet. Pronúncia insular portuguesa: grupos central e ocidental dos Açores. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo, 8:194-222, 1950. Trad. J. Agostinho, 1949.